

BREVE VÔO SOBRE O UNIVERSO IMAGÉTICO DO PÁSSARO JUNINO PARAENSE

Marton MAUÉS

Doutorando em Artes Cênicas (UFBA). Mestre em Artes Cênicas (UFBA). Ator e Diretor de Teatro. Professor da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA).
E-mail: mmclown@oi.com.br

O Dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant nos diz que a idéia de leveza dos pássaros tem sua simbologia associada à imaginação: “São João da Cruz vê nela o símbolo das operações da imaginação, leves, mas, sobretudo instáveis, esvoaçando de lá para cá, sem método e sem seqüência; o que o budismo chamaria de distração ou, pior ainda, divertimento” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998). Deve-se ressaltar o aspecto de negatividade dado a tal associação – pássaro/imaginação. Sem nos importarmos com ele, do qual realmente não concordamos, vamos então dar asas à imaginação e, sem temer do vôo a natural oscilação, voar rumo ao universo imagético do pássaro junino paraense.

O pássaro junino é uma manifestação popular que acontece todos os anos, no mês de junho, em Belém do Pará e outras capitais do estado. Pertence a uma classificação mais geral chamada cordão de bichos. São representados sempre por um animal, no nosso caso, um pássaro, a respeito do qual se desenrola o enredo que gira sobre sua caçada, morte e ressurreição. O grupo, que canta e dança, organiza-se em semicírculo, de onde saem os personagens, cada um a sua vez, para apresentarem suas cenas. Em Belém, os pássaros juninos receberam a influência dos grandes espetáculos – óperas, operetas, burletas e revistas – encenadas no Teatro da Paz, no período faustoso da borracha, a chamada *Belle Époque*, quando se deu a construção da grande casa de espetáculos. Também do teatro feito no entorno da basílica de Nazaré durante a festividade do Círio, o chamado Teatro Nazareno, para onde acorriam

muitas companhias do sudeste do país, apresentando, na maioria das vezes, melodramas e espetáculos burlescos.

Este pássaro mais urbano apropriou-se, portanto, de elementos desses espetáculos, ocupando inclusive seu espaço: o palco. E, deste, seus elementos constitutivos, tais como cortina, coxias, iluminação, orquestra, ponto. Assim como seus enredos, produzindo então uma fusão em que histórias melodramáticas de nobres e fazendeiros misturam-se à saga do pássaro caçado, que morre e renasce graças à ação de fadas, ciganas, macumbeiras ou pajés. Em Belém, ele é chamado também Pássaro Melodrama Fantasia.

Cada grupo é representado por uma espécie de ave – rouxinol, arara, tucano, tem-tem, beija-flor, uirapuru, sabiá – que na encenação é sempre levado por uma criança, geralmente uma menina, em um arranjo de cabeça ricamente ornado. No pássaro junino da capital, o porta-pássaro, ganha figurino especial e a menina que o representa é escolhida por sua beleza e destreza. Moura (1997) comenta essas transformações ocorridas com o pássaro de Belém:

Se o pássaro junino de Belém se destaca da matriz, que é o cordão de pássaros, exemplificado pelo Beija-flor, de Bagre, e transforma-se em espetáculo de características assumidamente teatrais, não é de surpreender que o pássaro também passe por modificações, tanto na forma quanto na função.

Ele deixa de ser o centro da ação e, às vezes, comparece como simples emblema, quase como ilustração do nome que o grupo escolheu. Talvez para compensar a diminuição de sua importância, o porta-pássaro chama a atenção pela riqueza do figurino que, em certos grupos, chega ao excesso, na abundância de brilhos, plumas, lantejoulas e pompons. Somente alguns índios da maloca conseguem ofuscá-lo (MOURA, 1997, p. 170).

Um estudo sobre a função dramática do figurino do pássaro foi realizado, com muita propriedade, por Refkalefsky (2001), como dissertação de mestrado em Arte Dramática, junto à Universidade de Quebec, em Montreal, Canadá. Nele, evidencia-se a riqueza e elaboração da indumentária do porta-pássaro, “estruturada a partir de uma calça e

uma túnica que permitem ao comediante maior flexibilidade nos movimentos. Os motivos bordados procuram dar volume a certas zonas do corpo do pássaro como no peito ou ainda desenhos que lembrem penas.” Os pássaros possuem asas de tecido pregadas na parte inferior das mangas da vestimenta. Os trajes são dispendiosos e utilizam uma grande quantidade de elementos brilhantes, como lantejoulas, vidrilhos e pedrarias, bordados em motivos muito bem elaborados sobre cetins e veludos.

Como a quantidade de brilhos e pedras é grande, o acabamento da túnica e asas é feito com arminho ou material semelhante o que dá ao detalhe um aspecto de penugem, suave e macio que ameniza a aparente frieza metálica dos elementos brilhantes. Na cabeça há um diadema de plumas (REFKALEFSKY, 2001, p. 98).

É o pássaro que vai conduzir a nós, espectadores, pelos enredamentos construídos pelo dramaturgo. Mesmo que sua estória deixe de ser o centro, como no caso do pássaro melodrama, é ela o mote para que as demais estórias sejam contadas. É sua saga – caçada, morte e ressurreição – que todos conhecemos antes mesmo de abrir-se o pano, pois ela é o componente estrutural de todo o espetáculo. Mesmo em meio a uma gama de cenas melodramáticas, é a figura do pássaro que enche nossos olhos. Ele é o objeto do desejo de quase todos os personagens e também dos espectadores. É este desejo que provoca sua morte, mas também sua ressurreição. “Ele incorpora os simbolismos de morte e ressurreição, de liberdade e prisão, de magia, de surrealidade e do espetacular. O percurso dos personagens na peça pode se alterar. Mas o destino do pássaro é sempre o mesmo: ele é caçado, perseguido, morto e, por interferência mágica de algum personagem, ele ressuscita” (REFKALEFSKY, 2001, p. 151).

Loureiro vê na figura do porta-pássaro “a imagem mítica do homem-pássaro – o pássaro na cabeça do homem ou da mulher no Egito antigo, onde essa figura simbolizava a alma de um morto partindo, ou a visita de um deus à terra”. E pergunta-se se não estaria aí, neste símbolo

que é o porta-pássaro, representada “a alma nativa que não morre, que não pode ser morta? (...) Uma espécie de fênix tropical da alma de uma cultura?” (LOUREIRO, 2001, p. 321).

Os pássaros, por si só, atraem uma simbologia variada em todas as culturas. Eles ocupam o espaço que separa o céu da terra, o divino do humano. Um espaço interditado ao homem – voar é com os pássaros, diz o dito popular. Por freqüentar este espaço e poder circular por seus dois extremos, seus dois mundos, os pássaros são vistos, muitas vezes, como mensageiros de informações divinas aos homens. “Em grego a própria palavra foi sinônimo de presságio e de mensagem do céu” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, p. 687). Documentos védicos antigos os mostram como um símbolo da amizade dos deuses para com os homens. O pássaro é também relacionado ao intelecto. “A inteligência é o mais rápido dos pássaros” (*Idem*), diz o Rig-Veda.

Em várias culturas os pássaros são tidos como símbolos da imortalidade da alma. É como um pássaro que a alma ascende aos céus. É na forma de um pássaro que as almas pousam sobre os ramos da árvore do mundo. “A mais antiga prova da crença nas almas-pássaros está, sem dúvida, contida no mito da Fênix, pássaro de fogo, cor de púrpura – isto é, composto de força vital – que era o símbolo da alma entre os egípcios” (*Id. ibidem*). A Fênix é um pássaro mítico que morre consumindo-se em fogo para renascer depois de suas próprias cinzas. Na Idade Média, foi utilizada como símbolo da ressurreição de Cristo.

Quantas associações com o pássaro junino, essa Fênix tropical, como bem o nominou Loureiro (2001). É no calor das fogueiras de junho que ele bate asas e nos leva em seu vôo imaginário para dentro de um universo amazônico onírico, onde príncipes e princesas passeiam seus dramas lacrimosos em florestas habitadas por índios e “divindades”, como o curupira; fadas e feiticeiras lutam entre si, mensurando as forças do bem e do mal; alheios aos acontecimentos, os matutos – que

representam o nosso caboclo – provocam o riso com seu humor jocoso; cantos e danças se sucedem. Até que um caçador o mate, para que o milagre da ressurreição se efetue.

Não será então das cinzas das fogueiras de junho que o pássaro retorna anualmente? Se pensarmos nas dificuldades pelas quais passam os grupos para se manter em atividade – escrever, ensaiar suas peças, confeccionar figurinos tão ricos – não temos como nos afastar da idéia mágica do renascimento. Não só, porém, do renascimento do pássaro, mas do renascimento da cultura popular, suas formas e maneiras de contar-se para entender-se, um árduo fazer e re-fazer, um reconstruir-se, um repensar-se. Como observa Fares, o folgado do pássaro “possibilita o narrar a nação, como quer Homi Bhabha. Assim como o sujeito psíquico é constituído através da linguagem, também na constituição da nação, vale o poder dessa linguagem que, em suas multifaces, narra e institui a nação” (*apud* FARES, 1992, p.2). Paul Ricouer, citado por ela, nos diz que “definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através das histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma” (*apud* FARES, 1992, p.2.).

Nesse viés, vislumbramos nossa identidade, como brasileiros e amazônidas. Identidade esta cunhada na diversidade e na contradição, onde elementos de várias etnias se combinam, poderes se sobrepõem e superpõem, traços se misturam. O pássaro junino expõe nossa face, ou melhor: nossa multifacetada face.

O cordão de pássaro ao alijar o etnocentrismo, põe em cena a diversidade étnica de nosso povo, num processo de descontinuidade que aproxima tempos e espaços diferentes. Se no pássaro revive-se a fidalguia do Brasil imperial, também nele presentifica-se – através da matutagem – um certo *modus viventis* do caboclo que se situa no entre-lugar da natureza e da cultura. Nesse limiar, o mestiço, ao mesmo tempo que mantém traços da cultura nativa, abarca elementos da cultura do dominador, veiculada pela mídia (FARES, 1992, p. 2.).

O pássaro nos desvela. E vela por todos nós, a cada morte, a cada ressurreição. A cada junho.

Enquanto escrevo, ainda sinto o cheiro forte da pólvora dos fogos no ar quente das noites juninas, escuto seu estalido e o crepitar das fogueiras, o ritmo contagiante e dançante das músicas, revejo o colorido das bandeirinhas que enfeitam os terreiros, sinto o sabor das comidas e bebidas. Embriago-me. A imaginação me toma em suas asas, entrego-me e deixo-me ser levado por ela, para além da terra, para o lugar onde o homem, em êxtase, encontra-se com o divino. Entro, então, no reino da poesia e escuto a voz do poeta paraense Bruno de Menezes, que tão bem soube trabalhar a riqueza do imaginário amazônico (MENEZES, 1993). Que seu poema seja a chave a fechar esta escritura – chave de ouro –, chamando junhos, para que os pássaros e outros bichos sobrevivam. Voltem sempre, sempre. E então, de forma criativa, divertida e inteligente, possam contar-nos .

Junho! Mês joanino do Santo Antonio de Lisboa,
do João Batista precursor,
do velho São Pedro chaveiro do céu.

Tua alegria é feita de fogueiras crepitantes,
de crespas rodinhas estreladas,
de foguetinhos pipocantes,
de bojudos balões multicores,
de toda essa alegria luminosa e aparente.

Teus cordões de bumbás,
de bichos folieiros com caçadores e pajés
de compadrescos e afilhadismos
vêm dos terreiros da Casa Grande,
quando o escravo deixava o eito
e aparecia a divertir os senhores lusitanos.

Ah, como o folclore revive na tua quadra
as nossas ingênuas crenças avoengas!
- Os patacões de cobre que dormiam no braseiro
para os “cortes” de izipla e suspensão de espinhela;
os cortinados de cama e igrejas de clara de ovo
nos copos serenados de esperanças do noivado
a lâmina da faca virgem
cravada na inocente bananeira sem culpa;
o espelho de água dormida na bacia dos destinos,
até os cântaros de ir à fonte partidos pelo Santo
às mãos de saloias ramalhudas.
Os “mangericos” as guitarradas os “ferrinhos”...

Tuas bebidas meio índio africanas:
o aluá a tiborna a gengibirra,
a “caninha imaculada” com o rosário do engenho espumando...

os munguzás, as cangicas bolindo,
os mingaus bem do Norte,
com leite de coco castanha e fubá

·
“caboco ria!
Sinhô diretô!
Abre a portêra cabôco!
Já abri diretô.”

E a caboclada ginga e pula na frente do “Boi Fama”!
Pai Francisco é o velho africano macumbeiro,
amancebado com a Catirina, cômico e paciente do cordão!

Um Carlitos sem bigodinho e cartolinha...

O amo e a soberbia mestiça do feitor discricionário
que manda nos vaqueiros na maloca inteira,
que foi batizada pelo padre Anchieta.

São João das capelinhas, dos banhos felizes,
rescendendo a raízes raladas e trevos e priprioca,
dos cheiros cheirosos que se grudam na pele da gente
e vão passando pra dentro.
São João dos terreiros suburbanos,
com mafuás nos currais enfeitados de palhas de açai.
São João do tempo do “Pé-de-bola”, do maranhense Golemada
do meu padrinho Miguel Arcanjo.

São João dos moleques vadios e também dos meninos ricos
já nascidos bacharéis – tudo correndo na rua
atrás das “bichas”, dos “espanta-coiós”...

“São João disse...
São Pedro Confirmou...
... Meu compadre boa noite...
... Olhe lá meu primo...
... Minha madrinha sá bença...”

Ah! São João dos meus quinze anos da jaqueira,
quando fui chefe da maloca e as mulatas me viciavam.

Por que não és mais o mesmo meu São João do Passado?!

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

FARES, Josse. Pássaro Junino: cordão e entre-lugar do discurso amazônico. Belém: **Revista Asas da Palavra**, Ed. Unama, 1992.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário**. Belém: Cejup, 2001.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas** - volume 1, Obras Poéticas. Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993. (Lendo o Pará, 14).

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O Teatro Que o Povo Cria**. Belém: Secult, 1997.

REFKALEFSKY, Margaret. **Pássaros... Bordando Sonhos: Função Dramática do Figurino no Teatro dos Pássaros em Belém do Pará**. Belém: Instituto de Arte do Pará, 2001. (Caderno IAP).